

Trabalho de Deus

Disponibilizamos aqui na íntegra, a homilia "Trabalho de Deus", de São Josemaria, que está publicada no livro "Amigos de Deus".

03/07/2018

Começar é de muitos; acabar, de poucos. E entre esses poucos temos de estar nós, os que procuramos comportar-nos como filhos de Deus. Não o esqueçamos: só as tarefas terminadas com amor, bem acabadas, merecem o aplauso do Senhor que se lê na Sagrada

Escritura: É melhor o fim de uma obra do que o seu começo.

Talvez me tenhais ouvido já referir em outras ocasiões um pequeno episódio, que me interessa recordar-vos agora porque é muito gráfico e instrutivo. Certa vez, procurava eu no Ritual Romano a fórmula para benzer a última pedra de um edifício, aquela que é importante, porque resume, como um símbolo, o trabalho duro, esforçado e perseverante de muitas pessoas durante longos anos. Tive uma grande surpresa ao verificar que não existia; era necessário conformar-se com uma *benedictio ad omnia*, com uma bênção para todas as coisas, genérica. Confesso-vos que me parecia impossível que ocorresse semelhante lacuna, e fui repassando devagar o índice do Ritual. Mas em vão.

Muitos cristãos perderam o convencimento de que a integridade de vida, reclamada pelo Senhor aos seus filhos, exige um autêntico cuidado na realização das tarefas próprias, que devem santificar descendo aos pormenores mais ínfimos.

Não podemos oferecer ao Senhor uma coisa que, dentro das pobres limitações humanas, não seja perfeita, sem mancha, realizada com atenção até nos mínimos detalhes: Deus não aceita trabalhos “marretados”. *Não apresentareis nada de defeituoso*, admoesta-nos a Escritura Santa, *pois não seria digno dEle*. Por isso o trabalho de cada qual - essa atividade que ocupa as nossas jornadas e energias - há de ser uma oferenda digna aos olhos do Criador, *operatio Dei*, trabalho de Deus e para Deus; numa palavra, uma tarefa acabada, impecável.

Se repararmos bem, entre as muitas palavras de louvor que disseram de Jesus os que contemplaram a sua vida, há uma que de certo modo comprehende todas as outras. Refiro-me à exclamação, prenhe de acentos de assombro e de entusiasmo, que a multidão repetia espontaneamente ao presenciar atônita os seus milagres: *Bene omnia fecit*, fez tudo admiravelmente bem: os grandes prodígios e as coisas triviais, cotidianas, que a ninguém deslumbraram, mas que Cristo realizou com a plenitude de quem é *perfectus Deus, perfectus homo*, perfeito Deus e homem perfeito.

Toda a vida do Senhor me enamora. Tenho, além disso, um fraco especial pelos seus trinta anos de existência oculta em Belém, no Egito e em Nazaré. Esse tempo - longo -, a que o Evangelho mal se refere, surge desprovido de significado próprio aos olhos de quem o considera

superficialmente. E, no entanto, sempre sustentei que esse silêncio sobre a biografia do Mestre é bem eloquente e encerra lições maravilhosas para o cristão. Foram anos intensos de trabalho e de oração, em que Jesus Cristo teve uma vida normal - como a nossa, se o queremos -, divina e humana ao mesmo tempo. Naquela simples e ignorada oficina de artesão, como mais tarde diante das multidões, cumpriu tudo com perfeição.

Desde o começo da sua criação, o homem teve que trabalhar. Não sou eu que o invento: basta abrir a Sagrada Bíblia nas primeiras páginas para ler que - antes de que o pecado e, como consequência dessa ofensa, a morte e as penalidades e misérias entrassem na humanidade - Deus formou Adão com o barro da terra e criou para ele e para a sua descendência este mundo tão belo, *ut*

operaretur et custodiret illum, para que o trabalhasse e guardasse.

Devemos convencer-nos, portanto, de que o trabalho é uma maravilhosa realidade que se nos impõe como uma lei inexorável, e de que todos, de uma maneira ou de outra, lhe estão submetidos, ainda que alguns pretendam fugir-lhe. Aprendei-o bem: esta obrigação não surgiu como uma seqüela do pecado original nem se reduz a um achado dos tempos modernos. Trata-se de um meio necessário que Deus nos confia aqui na terra, dilatando os nossos dias e fazendo-nos participar do seu poder criador, para que ganhemos o nosso sustento e simultaneamente colhamos *frutos para a vida eterna: o homem nasce para trabalhar, como as aves para voar.*

Talvez me digam que passaram muitos séculos e que muito poucos pensam deste modo; que a maioria,

no melhor dos casos, se afadiga por motivos muito diversos: uns, pelo dinheiro; outros, para manter a família; outros, para conseguir uma certa posição social, para desenvolver as suas capacidades, para satisfazer as suas paixões desordenadas, para contribuir para o progresso social. E, em geral, encaram as suas ocupações como uma necessidade de que não podem evadir-se.

Em contraposição a essa visão achatada, egoísta, rasteira, tu e eu temos de recordar-nos e de recordar aos outros que somos filhos de Deus, a quem o Pai, como àqueles personagens da parábola evangélica, dirigiu idêntico convite:*Filho, vai trabalhar na minha vinha*. Asseguro-vos que, se nos empenharmos diariamente em considerar assim as nossas obrigações pessoais, como uma solicitação divina, aprenderemos a terminar as nossas

tarefas com a maior perfeição humana e sobrenatural de que formos capazes. Talvez nos insurjamos uma vez ou outra - como o filho mais velho, que respondeu: *Não quero* -, mas saberemos reagir, arrependidos, e nos dedicaremos com maior esforço ao cumprimento do dever.

Se a simples presença de uma pessoa categorizada, digna de consideração, é suficiente para que se comportem melhor os que estão diante dela, como é que a presença de Deus, constante, difundida por todos os cantos, conhecida pelas nossas potências e gratamente amada, não nos torna sempre melhores em todas as nossas palavras, atividades e sentimentos? Verdadeiramente, se esta realidade de que Deus nos vê estivesse bem gravada em nossas consciências e nos capacitássemos de que todo o nosso trabalho, absolutamente todo - não há nada que escape ao olhar

divino -, se desenvolve na sua presença, com que cuidado terminaríamos as coisas ou como seriam diferentes as nossas reações! E este é o segredo da santidade que venho pregando há tantos anos: Deus nos chamou a todos para que o imitássemos; e a vós e a mim para que, vivendo no meio do mundo - sendo pessoas da rua! -, soubéssemos colocar Cristo Nosso Senhor no cume de todas as atividades humanas honestas.

Agora se poderá compreender ainda melhor que, se algum de vós não amasse o trabalho - aquele que lhe toca! -, se não se sentisse autenticamente comprometido numa das nobres ocupações terrenas, para santificá-la, se não tivesse uma vocação profissional, jamais chegaria a calar no cerne sobrenatural da doutrina que este sacerdote lhe expõe, precisamente porque lhe

faltaria uma condição indispensável: a de ser um trabalhador.

Devo dizer-vos - e não há nisto presunção alguma da minha parte - que percebo imediatamente se estas minhas palavras caem em saco roto ou resvalam por cima de quem me escuta. Deixai que vos abra o coração, para que me ajudeis a dar graças a Deus. Quando em 1928 vi o que o Senhor queria de mim, comecei o trabalho imediatamente. Naqueles anos - obrigado, meu Deus, porque houve muito que sofrer e muito que amar! -, alguns tomaram-me por louco; outros, num alarde de compreensão, chamavam-me *sonhador*, mas sonhador de sonhos impossíveis. Apesar dos pesares e da minha própria miséria, continuei em frente sem desanimar; como *aquilo* não era meu, foi abrindo caminho no meio das dificuldades, e hoje é uma realidade estendida pela terra inteira, de pólo a pólo, uma realidade

que a maioria acha natural porque o Senhor se encarregou de que fosse reconhecida como coisa sua.

Dizia-vos que, mal troco duas palavras com uma pessoa, percebo se me comprehende ou não. Eu não sou como a galinha choca que está cobrindo a ninhada e uma mão alheia lhe endossa um ovo de pata. Transcorrem os dias, e só quando os pintinhos quebram a casca e ela vê corricando aquele pedaço de lã, é que, pelo seu andar desengonçado - gingando daqui para acolá -, percebe que esse não é um dos seus; que nunca aprenderá a piar, por mais que se empenhe. Nunca maltratei ninguém que me tivesse virado as costas, nem mesmo quando, aos meus desejos de ajudar, me pagava com um desaforo. Por isso, lá por volta de 1939, chamou-me a atenção um letreiro que encontrei num edifício em que pregava um retiro a um grupo de universitários. Rezava

assim: *Cada caminhante siga o seu caminho.* Era um conselho aproveitável.

Perdoai-me esta digressão e, embora não nos tenhamos afastado do tema, retornemos ao fio condutor.

Convencei-vos de que a vocação profissional é parte essencial, inseparável, da nossa condição de cristãos. O Senhor vos quer santos no lugar em que vos encontrais, no ofício que escolhestes, seja qual for o motivo: todos me parecem bons e nobres - enquanto não se opuserem à lei divina - e capazes de ser elevados ao plano sobrenatural, isto é, enxertados nessa corrente de Amor que define a vida de um filho de Deus.

Não posso evitar certo desassossego quando alguém, ao falar das suas ocupações, faz cara de vítima, diz que o seu trabalho o absorve não sei quantas horas por dia e, na

realidade, não desenvolve nem a metade do labor de muitos dos seus colegas de profissão que, no fim das contas, talvez só estejam dominados por critérios egoístas ou, pelo menos, meramente humanos. Todos os que estão aqui, mantendo um diálogo pessoal com Jesus, desempenham uma ocupação bem precisa: são médicos, advogados, economistas... Pensai um pouco nos vossos colegas que sobressaem pelo seu prestígio profissional, pela sua honradez, pelo seu serviço abnegado: porventura não dedicam muitas horas do dia - e até da noite - a essa ocupação? Não teremos nada a aprender deles?

Enquanto falo, eu também examino a minha conduta e vos confesso que, ao fazer a mim próprio essa pergunta, sinto um pouco de vergonha e o desejo imediato de pedir perdão a Deus, pensando na minha resposta tão débil, tão distante da missão que Deus nos confiou no

mundo. *Cristo* - escreve um Padre da Igreja - *deixou-nos na terra para sermos como as lâmpadas; para nos convertermos em mestres dos outros; para atuarmos como fermento; para vivermos como anjos entre os homens, como adultos entre as crianças, como espirituais entre gente meramente racional; para sermos semente; para darmos fruto.* Não seria necessário abrir a boca, se a nossa vida resplandecesse dessa maneira. Estariam sobrando as palavras, se mostrássemos as obras. Não haveria um só pagão, se nós fôssemos verdadeiramente cristãos.

Temos que evitar o erro de pensar que o apostolado se reduz ao simples testemunho de umas práticas piedosas. Tu e eu somos cristãos, mas ao mesmo tempo, e sem solução de continuidade, cidadãos e trabalhadores, com umas obrigações claras que temos de cumprir de um modo exemplar, se nos queremos

santificar de verdade. É Jesus Cristo quem nos incita: *Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem acendem uma lucerna e a põem debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.*

O trabalho profissional - seja qual for - converte-se no candeeiro que ilumina os vossos colegas e amigos. Por isso, costumo repetir aos que se incorporaram ao Opus Dei, e a minha afirmação é válida para todos os que me escutam: pouco me importa que me digam que fulano é um bom filho meu - um bom cristão -, mas um mau sapateiro! Se não se esforça por aprender bem o seu ofício ou por executá-lo com esmero, não poderá santificá-lo nem oferecê-lo ao

Senhor. E a santificação do trabalho ordinário é como que o eixo da verdadeira espiritualidade para os que - imersos nas realidades temporais - estão decididos a ter uma vida de intimidade com Deus.

Lutai contra essa excessiva compreensão que cada um tem para consigo mesmo. Sede exigentes convosco! Às vezes, pensamos demasiado na saúde. Ou no descanso, que não deve faltar, precisamente porque é necessário para voltarmos ao trabalho com forças renovadas; mas esse descanso - assim o escrevi há tantos anos! - *não é não fazer nada; é distrair-se em atividades que exigem menos esforço.*

Noutras ocasiões, com falsas desculpas, somos demasiado comodistas, esquecemo-nos da bendita responsabilidade que pesa sobre os nossos ombros, conformamo-nos com o que basta

para dar um jeito, deixamo-nos arrastar por razões sem razão para ficar com os braços cruzados, enquanto Satanás e os seus aliados não tiram férias. Escuta com atenção e medita o que São Paulo escrevia aos cristãos que eram servos por ofício: insistia com eles em que obedecessem aos seus amos, *não os servindo só quando sob as suas vistas, como se só pensásseis em agradar aos homens, mas como servos de Jesus Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus, servindo-os com amor, tendo consciência de que servis ao Senhor e não aos homens.* Que bom conselho para que tu e eu o sigamos!

Vamos pedir luz a Jesus Cristo Senhor Nosso e suplicar-lhe que nos ajude a descobrir em cada instante esse sentido divino que transforma a nossa vocação profissional no eixo sobre o qual assenta e gira a nossa chamada à santidade. Veremos no Evangelho que Jesus era conhecido

como *faber, filius Mariae*, o operário, o filho de Maria. Pois bem, também nós, com um orgulho santo, temos que demonstrar com as nossas obras que somos trabalhadores!, homens e mulheres de trabalho!

Já que temos de comportar-nos sempre como enviados de Deus, devemos ter muito presente que não servimos o Senhor com lealdade quando abandonamos a nossa tarefa; quando não partilhamos com os outros do seu empenho e abnegação no cumprimento dos compromissos profissionais; quando nos podem apontar como ociosos, impontuais, frívolos, desordenados, preguiçosos, inúteis... Porque quem descura essas obrigações, aparentemente menos importantes, é difícil que vença nas outras da vida interior, que certamente são mais custosas. *Quem é fiel no pouco, também o é no muito, e quem é injusto no pouco, também o é no muito.*

Não estou falando de ideais imaginários. Atenho-me a uma realidade muito concreta, de importância capital, capaz de mudar o ambiente mais pagão e mais hostil às exigências divinas, como aconteceu nos primeiros tempos da era da nossa salvação. Saboreai estas palavras de um autor anônimo desses tempos, que resume assim a grandeza da nossa vocação: *Os cristãos são para o mundo o que a alma é para o corpo. Vivem no mundo, mas não são mundanos, como a alma está no corpo, mas não é corpórea. Habitam em todos os povos, assim como a alma está em todas as partes do corpo. Atuam pela sua vida interior sem se fazerem notar, como a alma pela sua essência . Vivem como peregrinos entre coisas perecíveis, na esperança da incorruptibilidade dos céus, assim como a alma imortal vive agora numa tenda mortal.*

Multiplicam-se de dia para dia no meio das perseguições, assim como a

alma se embeleza mortificando-se... E não é lícito aos cristãos abandonarem a sua missão no mundo, como não é permitido à alma separar-se voluntariamente do corpo.

Portanto, enganar-nos-íamos de caminho se fizéssemos pouco caso das ocupações temporais: também aí nos espera o Senhor. Estai certos de que nós, os homens, temos que aproximar-nos de Deus através das circunstâncias da vida ordinária, ordenadas ou permitidas pela Providência na sua sabedoria infinita. Não atingiremos esse fim se não tendermos a terminar bem as nossas tarefas; se não perseverarmos no ímpeto do trabalho começado com entusiasmo humano e sobrenatural; se não desempenharmos o nosso ofício como o melhor de todos os colegas e, se for possível - penso que, se queres verdadeiramente, assim será -, melhor que o melhor, porque

usaremos de todos os meios terrenos honrados e dos espirituais necessários, para oferecer a Nosso Senhor um trabalho primoroso, rematado como uma filigrana, cabal.

Costumo dizer com frequência que, nestes momentos de conversa com Jesus, que nos vê e nos escuta do Sacrário, não podemos cair numa oração impessoal. E explico que, para meditarmos de modo que se instaure imediatamente um diálogo com o Senhor - não é preciso nenhum ruído de palavras -, temos que sair do anonimato, colocar-nos na presença divina tal como somos, sem nos emboscarmos na multidão que enche a igreja, nem nos diluirmos numa enfiada de palavreado oco, que não brota do coração, mas, no melhor dos casos, de um hábito despojado de conteúdo.

Pois bem: agora acrescento que também o teu trabalho deve ser

oração pessoal, tem de converter-se num grande colóquio com o nosso Pai do Céu. Se buscas a santificação em e através da tua atividade profissional, terás necessariamente de esforçar-te para que se converta numa oração sem anonimato. Também as tuas ocupações não podem cair na obscuridade anódina de uma tarefa rotineira, impessoal, porque nesse mesmo instante teria morrido o aliciante divino que anima os teus afazeres cotidianos.

Vêm-me agora à memória as minhas viagens às frentes de batalha durante a guerra civil espanhola. Sem contar com meio humano algum, acorria aonde se encontrasse qualquer um que precisasse do meu trabalho de sacerdote. Naquelas circunstâncias tão peculiares, que talvez a muitos dessem pretexto para justificar as suas omissões e desleixos, não me limitava a sugerir um conselho simplesmente ascético. Dominava-

me então a mesma preocupação que sinto agora e que estou procurando que o Senhor deserte em cada um de vós: interessava-me pelo bem daquelas almas e também pela sua alegria aqui na terra; animava-os a aproveitar o tempo em tarefas úteis, a lutar para que a guerra não constituísse uma espécie de parêntese fechado em suas vidas; pedia-lhes que não se desleixassem, que fizessem o possível para não converter a trincheira e a guarita numa espécie de sala de espera das estações ferroviárias de então, onde a gente matava o tempo, esperando aqueles trens que parecia que não iam chegar nunca...

Sugeria-lhes concretamente que se ocupassem em alguma atividade de proveito - estudar, aprender línguas, por exemplo - compatível com o seu serviço de soldados; aconselhava-os a nunca deixarem de ser homens de Deus e a procurarem que toda a sua

conduta fosse *operatio Dei*, trabalho de Deus. E comovia-me ao verificar que esses rapazes, em situações nada fáceis, correspondiam maravilhosamente: notava-se a solidez da sua têmpera interior.

Lembro-me também da temporada da minha permanência em Burgos, durante essa mesma época. Lá apareciam muitos, para passar uns dias comigo nos períodos de licença, além dos que se encontravam em serviço nos quartéis da região. Como moradia, compartilhava com um punhado de filhos meus o mesmo quarto de um hotel bem deteriorado. Faltava-nos até o imprescindível, mas lá nos arranjávamos para que os que vinham - eram centenas! - tivessem o necessário para descansar e repor as forças.

Tinha o costume de sair a passear pelas margens do Arlanzón, enquanto conversava com eles,

enquanto ouvia as suas confidências, enquanto procurava orientá-los com o conselho adequado que lhes confirmasse ou lhes abrisse horizontes novos de vida interior. E sempre, com a ajuda de Deus, animava-os, inflamava-os, estimulava-os a prosseguir na sua conduta de cristãos. Às vezes, as nossas caminhadas chegavam até o mosteiro de Las Huelgas e, em outras ocasiões, dávamos uma escapada até a Catedral.

Gostava de subir a uma torre, para que contemplassem os lavores cimeiros, um autêntico rendilhado de pedra, fruto de um trabalho paciente, custoso. Nessas conversas, fazia-os notar que aquela maravilha não se via lá de baixo. E, para materializar o que com repetida frequência lhes havia explicado, comentava-lhes: Assim é o trabalho de Deus, a obra de Deus!: acabar as tarefas pessoais com perfeição, com beleza, com o primor

destas delicadas rendas de pedra. Diante dessa realidade que entrava pelos olhos dentro, comprehendiam que tudo isso era oração, um diálogo belíssimo com o Senhor. Os que haviam consumido as suas energias nessa tarefa sabiam perfeitamente que das ruas da cidade ninguém apreciaria o seu esforço: era só para Deus. Entendes agora como é que a vocação profissional pode aproximar de Deus? Faze tu o mesmo que aqueles canteiros, e o teu trabalho será também *operatio Dei*, um trabalho humano com raízes e perfis divinos.

Convencidos de que Deus se encontra em toda a parte, cultivamos os campos louvando o Senhor, sulcamos os mares e exercemos todos os demais ofícios cantando as suas misericórdias. Desta maneira estamos unidos a Deus a todo o momento. Mesmo que vos encontreis isolados, fora do vosso ambiente

habitual - como aqueles rapazes nas trincheiras -, vivereis metidos no Senhor, através desse trabalho pessoal e esforçado, contínuo, que tereis sabido converter em oração, porque o tereis começado e concluído na presença de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo.

Mas não esqueçais que estamos também na presença dos homens, e que estes esperam de nós - de ti! - um testemunho cristão. Por isso temos que atuar de tal maneira nas ocupações profissionais, nas coisas humanas, que não possamos sentir vergonha se nos vê trabalhar quem nos conhece e nos ama, nem lhe demos motivos para ruborizar-se. Se vos conduzis de acordo com este espírito que procuro ensinar-vos, não fareis corar os que em vós confiam nem vos afluirá o sangue ao rosto. E também não vos acontecerá o que aconteceu com aquele homem da

parábola que se propôs edificar uma torre: *Depois de ter lançado os alicerces e não podendo concluir-la, todos os que o viam começavam a zombar dele dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde terminar.* Assevero-vos que, se não perderdes o “ponto de mira” sobrenatural, coroareis a vossa tarefa, acabareis a vossa catedral, até colocardes a última pedra.

Possumus!, podemos, podemos vencer também esta batalha, com a ajuda do Senhor. Persuadi-vos de que não é difícil converter o trabalho num diálogo de oração. É só oferecê-lo e pôr mãos à obra, que já Deus nos escuta e nos alenta. Alcançamos o estilo das almas contemplativas, no meio do trabalho cotidiano! Porque nos invade a certeza de que Ele nos olha, ao mesmo tempo que nos pede um novo ato de auto-domínio: esse pequeno sacrifício, o sorriso para a pessoa inoportuna, esse começar

pela tarefa menos agradável, mas mais urgente, o cuidar dos pormenores de ordem, com perseverança no cumprimento do dever, quando seria tão fácil abandoná-lo, o não deixar para amanhã o que temos que terminar hoje: tudo para dar gosto a Ele, ao nosso Pai-Deus! E talvez sobre a tua mesa, ou num lugar discreto que não chame a atenção, mas que te sirva como despertador do espírito contemplativo, colocas o crucifixo, que já é para a tua alma e para a tua mente o manual em que aprendes as lições de serviço.

Se te decides - sem esquisitices, sem abandonares o mundo, no meio das tuas ocupações habituais - a enveredar por estes caminhos de contemplação, logo te sentirás amigo do Mestre, com a divina incumbência de abrir as sendas divinas da terra à humanidade inteira. Sim. Com esse teu trabalho, contribuirás para a

extensão do reinado de Cristo em todos os continentes. E suceder-se-ão, uma após outra, as horas de trabalho oferecidas pelas longínquas nações que nascem para a fé, pelos povos do Oriente impedidos barbaramente de professar com liberdade as suas crenças, pelos países de antiga tradição cristã, onde parece ter-se obscurecido a luz do Evangelho e as almas se debatem entre as sombras da ignorância... Então, que valor não adquire essa hora de trabalho!, esse continuar com o mesmo empenho por mais algum tempo, por mais alguns minutos, até terminar a tarefa! De um modo prático e simples, convertes a contemplação em apostolado, como uma necessidade imperiosa do coração, que pulsa em uníssono com o dulcíssimo e misericordioso Coração de Jesus, Senhor Nossa.

E como conseguirei - parece que me perguntas - atuar sempre com esse

espírito, de modo a concluir com perfeição o meu trabalho profissional? A resposta não é minha; vem de São Paulo: *Trabalhai varonilmente e animai-vos mais e mais. Todas as vossas obras sejam feitas em caridade.* Fazei tudo por Amor e livremente; não deis nunca lugar ao medo ou à rotina: servi o nosso Pai-Deus.

Gosto muito de repetir - porque tenho boa experiência disso - aqueles versos de pouca arte, mas muito expressivos: *Minha vida é toda de amor / e, se em amor sou sabido, / é só por força da dor, / que não há amante melhor / que o que muito tem sofrido* (*Mi vida es toda de amor / y, si en amor estoy ducho, / es por fuerza del dolor, / que no hay amante mejor / que aquel que ha sufrido mucho*). Ocupate dos teus deveres profissionais por Amor; leva a cabo todas as coisas por Amor, insisto, e verificarás - precisamente porque amas, ainda

que saboreies a amargura da incompreensão, da injustiça, do desagradecimento e até do próprio fracasso humano - as maravilhas que o teu trabalho produz. Frutos saborosos, semente de eternidade!

Acontece, porém, que alguns - são bons, *bonzinhos* - garantem de palavra que aspiram a difundir o belo ideal da nossa fé, mas na prática se contentam com uma conduta profissional leviana, descuidada: parecem cabeças de vento. Se tropeçarmos com esses cristãos de *papo furado*, temos que ajudá-los com carinho e com clareza; e recorrer, quando for necessário, ao remédio evangélico da correção fraterna: *Se algum de vós, como homem que é, cair desgraçadamente em alguma falta, admoestai-o com espírito de mansidão; refletindo cada um sobre si mesmo, não caia também na mesma tentação. Levai uns as cargas dos outros e assim cumplireis*

a lei de Cristo. E se, além de fazerem do catolicismo uma *profissão*, são pessoas de mais idade, experiência ou responsabilidade, então, com mais razão temos de falar-lhes, temos de procurar que reajam, orientando-os como um bom pai, como um mestre, sem humilhar, para que consigam maior peso na sua vida de trabalho.

Sensibiliza-nos vivamente o comportamento de São Paulo, se meditamos nele devagar: *Vós mesmos sabeis muito bem como deveis imitar-nos; pois não vivemos desregrados entre vós, nem comemos de graça o pão de ninguém, mas com trabalho e fadiga, trabalhando de noite e de dia para não sermos pesados a nenhum de vós .Porque, quando ainda estávamos convosco, vos declarávamos que, se alguém não quiser trabalhar, também não coma.*

Por amor a Deus, por amor às almas, e para correspondermos à nossa vocação de cristãos, temos que dar exemplo. Para não escandalizarmos, para não causarmos nem a sombra da suspeita de que os filhos de Deus são frouxos ou não prestam, para não sermos causa de desedificação..., temos que esforçar-nos por oferecer com a nossa conduta a medida certa, a boa índole de um homem responsável. Tanto o lavrador que ara a terra, enquanto levanta continuamente o coração a Deus, como o carpinteiro, o ferreiro, o empregado de escritório, o intelectual - todos os cristãos - hão de ser modelo para os seus colegas, sem orgulho, já que fica bem patente em nossas almas a convicção de que só contando com Ele é que conseguiremos alcançar a vitória; nós, *sozinhos*, não podemos levantar nem uma palha do chão. Portanto, cada um na sua tarefa, no lugar que ocupa na sociedade, tem que sentir a

obrigação de realizar um trabalho de Deus, que semeie por toda a parte a paz e a alegria do Senhor. *O cristão perfeito traz sempre consigo a serenidade e a alegria. Serenidade, porque se sente na presença de Deus; alegria, porque se vê rodeado dos dons divinos. Um cristão assim é verdadeiramente um personagem régio, um sacerdote santo de Deus.*

Para alcançarmos esta meta, temos que deixar-nos conduzir pelo Amor, nunca como quem suporta o peso de um castigo ou de uma maldição: *Tudo o que fizerdes, em palavras ou em obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus Cristo, dando por Ele graças a Deus Pai.* E assim terminaremos os nossos afazeres com perfeição, ocupando plenamente o tempo, porque seremos instrumentos enamorados de Deus, que se apercebem de toda a responsabilidade e de toda a confiança que o Senhor lhes deposita

sobre os ombros, apesar da sua fraqueza. Em cada uma das tuas atividades - porque contas com a fortaleza de Deus -, hás de comportar-te como quem se move exclusivamente por Amor.

Mas não fechemos os olhos à realidade, conformando-nos com uma visão ingênuia, superficial, que nos dê a idéia de que nos espera um caminho fácil e de que, para percorrê-lo, bastam uns propósitos sinceros e uns desejos ardentes de servir a Deus. Não duvidemos: ao longo dos anos, apresentar-se-ão - talvez antes do que pensamos - situações particularmente custosas, que exigirão muito espírito de sacrifício e um maior esquecimento de nós mesmos. Fomenta, nessa altura, a virtude da esperança e, com audácia, torna teu o grito do Apóstolo: *Porque eu tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória*

vindoura, que se há de manifestar em nós. Medita com segurança e com paz: que será o Amor infinito de Deus derramado sobre esta pobre criatura!

Chegou a hora, no meio das tuas ocupações habituais, de praticar a fé, de despertar a esperança, de avivar o amor; ou seja, de ativar as três virtudes teologais que nos impelem a desterrar imediatamente, sem dissimulações, sem disfarces, sem rodeios, os equívocos que haja na nossa conduta profissional e na nossa vida interior.

Meus amados irmãos - de novo a voz de São Paulo -, sede firmes e constantes, trabalhando sempre cada vez mais na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não ficará sem recompensa diante de Deus. Estamos vendo? É toda uma trama de virtudes que se põe em jogo quando desempenhamos o nosso ofício com o

propósito de santificá-lo: a fortaleza, para perseverarmos no trabalho, apesar das naturais dificuldades e sem nos deixarmos vencer nunca pelo acabrunhamento; a temperança, para nos gastarmos sem reservas e para superarmos o comodismo e o egoísmo; a justiça, para cumprirmos os nossos deveres para com Deus, para com a sociedade, para com a família, para com os colegas; a prudência, para sabermos em cada caso o que convém fazer e nos lançarmos à obra sem dilações... E tudo, insisto, por Amor, com o sentido vivo e imediato da responsabilidade do fruto do nosso trabalho e do seu alcance apostólico.

Obras é que são amores, não as boas razões, reza o ditado popular, e penso que não é necessário acrescentar mais nada.

Senhor, concede-nos a tua graça.
Abre-nos a porta da oficina de

Nazaré, para que aprendamos a contemplar-te, com a tua Mãe Santa Maria e com o Santo Patriarca José - a quem tanto amo e venero -, dedicados os três a uma vida de trabalho santo. Comover-se-ão os nossos pobres corações, iremos à tua procura e te encontraremos no trabalho cotidiano, que Tu desejas que convertamos em obra de Deus, em obra de Amor.

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/trabalho-deus-2/> (11/01/2026)